

# 10<sup>o</sup>

# FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA  
EXTENSÃO • GESTÃO  
RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE  
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

Autor(es): ADERILSON PEREIRA FONSECA, MARIA GENEROSA FERREIRA SOUTO

## Meninos contadores de histórias: da tradição à modernidade<sup>1</sup>

### Introdução

Este resumo objetiva apresentar a pesquisa “Meninos contadores de histórias: da tradição à modernidade”, que se encontra em processo de desenvolvimento e está sendo realizada no Programa de Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras, da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. Ela se fundamenta na perspectiva de trabalho com o letramento literário nas aulas de Língua Portuguesa em turmas dos anos finais do ensino fundamental, mais especificamente uma turma de oitavo ano da Escola Estadual Argelce Carvalho Santos da Mota. Na pesquisa, objetivamos despertar em nossos alunos a vontade de ler o texto literário, gerar neles o prazer em ter contato com esses textos. Para isso, a estratégia usada será a contação de histórias, trabalhada, de forma sistematizada, através de poesias de cordel em um primeiro momento; em um segundo momento, crônicas e contos; após isso, a inserção dos estudantes no mundo do romance. Em todos os gêneros trabalhados, o primeiro contato dos estudantes com suas histórias será através da oralidade, do ouvir. Pretendemos, com essa estratégia, despertar neles o gosto pela literatura e, conseqüentemente, pela leitura do texto literário. Alguns teóricos que nos dão embasamento para essa proposta são Paul Zumthor, com as obras *A letra e a voz* (1993) e *Performance, recepção, leitura* (2007); Rildo Cosson, com as obras *Letramento literário* (2006) e *Círculos de leitura e letramento literário* (2014); Humberto Eco, com *Seis passeios pelo bosque da ficção* (1994); Daniel Pennac, com a obra *Como um romance* (1998) e outros que dissertaram sobre o tema proposto.

### Material e métodos

O ensino de literatura nas escolas públicas é hoje um grande desafio. A leitura, nesse mundo informatizado e repleto de opções, torna-se uma das últimas opções para o jovem. Diante da televisão e seus atrativos, do cinema e seu encantamento, da *internet* com suas redes sociais, jogos, *sites* para todos os interesses, *blogs*, *vlogs*, “youtubers”, por que o estudante pararia diante de um livro para ler suas tantas páginas? Nós, como professores de Língua Portuguesa, poderíamos obrigá-los, poderíamos passar atividades sobre um livro pré-estabelecido, geralmente um livro considerado clássico, e avaliarmos essas atividades; ou pediríamos fichas de leitura de um livro que nós mesmos, muitas vezes, não paramos para analisar. Mas sabemos que essas propostas, ainda hoje existentes nas escolas, não geram os resultados que esperamos para a leitura literária. Nossos alunos, na grande maioria dos casos, não têm prazer em ler; e quando saem do ambiente escolar, não passam a ter essa prática como cotidiana. Devido a isso, propomos, em nossa pesquisa, novas estratégias, uma nova forma de se trabalhar literatura no ensino fundamental e, com isso, gerar melhores resultados com relação à leitura literária de nossos alunos.

Somos seres orais, a escola muitas vezes se esquece desse fato, e foca somente na escrita. Ao principiarmos nossa vida escolar, os elementos principais são a nossa fala e aquilo que ouvimos. A escrita é posterior. Antes da escrita, já existia a oralidade. Se houver um fim da escrita, como dizia Cosson em uma de suas tantas palestras, a oralidade irá permanecer. Aliada à oralidade, faz parte de nossa infância escolar a contação de histórias; Zumthor (1993, p. 9) afirma que “A voz é concreta, apenas sua escuta nos faz tocar as coisas.” Destaca o poder que tem a voz para podermos “tocar” o texto literário. Cosson (2014, p. 112) afirma que

Embora seja usada há bem mais tempo com a função de acalmar e entreter as crianças, contemporaneamente se reconhece na contação de histórias uma forma privilegiada de ampliação do vocabulário, relação com o impresso, estímulo à imaginação, desenvolvimento da criatividade e do senso crítico, incorporação de modelos narrativos, incentivo à leitura, promoção de valores e crescimento emocional, além de funcionar como ponto de partida ou ligação entre conteúdos programáticos.

Partindo desses pressupostos, propomos a contação de histórias como estratégia principal de incentivo à leitura do texto literário. Serão convidadas pessoas da comunidade, alunos de outras escolas, alunos do ensino médio da própria escola em que o trabalho será realizado. Os contadores de histórias receberão seus textos com antecedência, e

<sup>1</sup>Pesquisa submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da UNIMONTES em 05/10/2016, CAAE: 60725916.4.0000.5146, sem ainda um parecer final.

# 10<sup>o</sup>

# FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA  
EXTENSÃO • GESTÃO

RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE  
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

no momento oportuno, apresentarão essas histórias para a turma. A voz, evidentemente, será um dos elementos principais, aliada à performance, aos gestos, à postura, ao olhar do contador. Pretendemos envolver nossos estudantes de forma que queiram mais histórias, e também as busquem para contar. A proposta será dividida em quatro etapas, e em cada etapa trabalharemos com um gênero textual específico.

Começaremos explorando os poemas de cordel. Esses serão declamados e suas histórias serão contadas. Exploraremos as temáticas presentes nos cordéis, a realidade não tão distante do norte de Minas Gerais, seus espaços, sua linguagem, seus mitos. Apresentaremos aos alunos, após o momento de oralidade, livros de cordel diversos adquiridos pelo pesquisador, para que possam ter em mãos as histórias de que ouviram contar. Como uma sequência do trabalho, desafiaremos nossos estudantes a ler os livros de cordel e a contar suas histórias para a turma. Evidentemente, escolhemos o cordel pela sua linguagem de fácil entendimento, pelo *design* atrativo de seus livros, pela facilidade de interpretação pra aqueles que não têm o hábito de ler.

Em um segundo momento, trabalharemos o gênero crônica. Novos contadores de histórias virão à sala de aula, ou a sala de aula irá até eles, que poderão estar esperando esses alunos, por exemplo, às margens do Rio São Francisco. Crônicas previamente selecionadas serão contadas. Mais uma vez, nossos jovens terão a oportunidade de conhecer a literatura através da oralidade e terão um momento de encantamento com o texto literário. Eco (1994, p. 16) afirma que “Nada nos proíbe de usar um texto para devanear, e fazemos isso com frequência, porém o devaneio não é uma coisa pública; leva-nos a caminhar pelo bosque da narrativa como se estivéssemos em nosso jardim particular”. Esse é o objetivo principal. Levar nossos alunos a perceberem que é possível devanear a partir da leitura, ou audição, de um texto literário. Queremos que percebam que podem criar seus jardins particulares, caminhar pelos bosques da narrativa, como Eco (1994) também nos afirma. A partir da audição, levaremos para os nossos alunos crônicas diversas, de diversos autores, sobre os mais variados temas. Trabalharemos a leitura dessas crônicas; após, serão desafiados a contá-las para a turma. Poderão fazer através de teatro, diálogo, contar a história simplesmente; o importante é que explorem o texto da forma que acharem mais interessante. Por fim, na sala de multimeios da escola, projetaremos para os alunos curtas-metragens produzidos a partir de algumas das crônicas lidas. Fecharemos assim o ciclo oralidade-escrita-oralidade, com o gênero crônica.

A etapa seguinte será o trabalho com o gênero conto. Nesse momento, exploraremos contos de terror, de suspense, de assombração... o ideal seria uma viagem com a turma para alguma pousada e, na noite dessa viagem, explorar essas temáticas a partir da contação das histórias. O tom de voz, os gestos, uma música de fundo, serão fundamentais para que a história cause o impacto necessário. Após a parte oral, mais uma vez apresentaremos aos nossos discentes outros contos, de outros autores. Supondo que o trabalho com o cordel e com as crônicas já tenha começado a formar leitores, apresentaremos textos de uma complexidade um pouco maior, com um número maior de páginas também. Faremos a leitura silenciosa, a leitura dramatizada, a representação das histórias. Para o fechamento, apresentaremos aos alunos curtas-metragens e animações produzidos a partir de contos já lidos em sala.

A última etapa será o trabalho com o romance. Como já comprovado em questionários aplicados aos alunos, o gênero que mais lhes interessa é a narrativa de aventura. Assim sendo, exploraremos romances que tenham como tema principal a aventura, permeados de assuntos relacionados aos jovens, como amor, suspense, medo, família. Mais uma vez, contadores de histórias revelarão aos jovens as narrativas. O primeiro romance terá toda a sua história revelada. Os outros serão interrompidos na metade. Os livros não terminados estarão na sala, à disposição dos estudantes, para que os peguem e descubram o final. Além disso, sinopses de outras obras serão apresentadas aos jovens, de forma que queiram conhecê-las e, esperamos nós, interessar-se por elas. Na sala de multimeios, serão apresentados aos novos leitores, de forma virtual, capas de livros, *blogs* que tratam do tema leitura literária, páginas do *youtube* voltadas para a área, *fandons*<sup>2</sup>. Revelaremos aos nossos leitores a maior quantidade possível de oportunidades que têm para expor suas leituras e também que há um mundo virtual envolvido em ler.

Com esse trabalho, não usaremos a literatura para outro fim senão o de ser literatura. Não pretendemos nos aprofundar na análise dos textos literários, ou fazer exercícios de interpretação; não pretendemos obrigar nossos alunos a ler, pois, como diz Pennac (1998, p. 13), “O verbo ler não suporta o imperativo”. É nosso papel como professor criar oportunidades para que o aluno tenha acesso à leitura, ao livro interessante, à crônica instigante, ao conto inesquecível,

<sup>2</sup> “Pode-se definir o fandom como um sistema digital que engloba diversas manifestações próprias do campo literário, abarcando desde a produção e a recepção de textos até a crítica e a criação de produtos artísticos, numa perspectiva inovadora na qual já não cabem as atitudes passivas da leitura e da crítica tradicional e universitária. (...) Fandoms são, portanto, sistemas multimodais de leitura que se estabelecem em torno de uma obra literária eleita, por diversas razões, como valor de culto e valor de exposição” (MIRANDA, 2009, p. 3,4).

# 10<sup>o</sup>

# FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA  
EXTENSÃO • GESTÃO

RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE  
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

ao cordel desconhecido. É nossa missão criar a oportunidade para que o aluno construa sua interpretação e interação com o texto, sem intervenção do educador, pois, como afirma Pennac (1998)

Uma só condição para se reconciliar com a leitura: não pedir nada em troca. Absolutamente nada. Não erguer nenhuma muralha de conhecimentos preliminares em torno do livro. Não fazer a menor pergunta. Não passar o menor dever. Não acrescentar uma só palavra àquelas das páginas lidas. Nada de julgamento de valor, nada de explicação de vocabulário, nada de análise de texto, nenhuma indicação biográfica... Proibir-se completamente “rodear o assunto”. Leitura presente. Ler e esperar. Não se força uma curiosidade, desperta-se. Ler, ler e ter confiança nos olhos que se abrem, nas cabeças que se divertem, na pergunta que vai nascer e que vai puxar outra pergunta. Se o pedagogo em mim fica chocado por não “apresentar a obra no seu contexto” persuada-se o dito pedagogo de que o único contexto que conta, por enquanto, é o dessa classe. Os caminhos do conhecimento não terminam nessa classe: eles devem começar nela! (PENNAC, 1993, p. 121.)

Com a mudança de postura em relação ao trabalho com o livro literário, talvez seja possível formar de fato novos leitores, fazer com que a leitura gere prazer, criar um grupo de alunos com uma nova visão a respeito da literatura, e com um novo hábito em seus cotidianos: ler!

## Resultados e discussão

Embora esta pesquisa ainda esteja em andamento, já houve benefícios visíveis. Como pesquisador, com todas as leituras e discussões feitas, já mudamos nosso modo de enxergar o trabalho com o texto literário; temos novas propostas e novas visões do que pode ser feito, temos ministrado aulas diferentes das que até então vinham acontecendo e cresceu nossa perspectiva de aprendizagem dos alunos a partir das novas estratégias de ensino. As propostas de intervenção geram boas expectativas, e esperamos ter resultados extremamente positivos.

## Conclusão

Sabemos que estamos apenas no início da pesquisa, mas percebemos, de forma muito clara, que uma educação de qualidade no quesito trabalhar com o texto literário pode acontecer. É possível que nossos alunos de ensino fundamental II tornem-se leitores, consumidores de literatura; é possível que sejam formados pela beleza do texto poético, pela força da narrativa, pela intensidade das palavras bem ditas. A contação de histórias, esperamos, será o primeiro passo para esse avanço, para essa mudança no perfil daqueles que são o foco principal, nossos adolescentes e jovens estudantes.

## Agradecimentos

Esta pesquisa está sendo desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Estadual de Montes Claros. Agradecemos, portanto, aos professores do Profletras e à orientadora desta pesquisa pelo incentivo e por nos subsidiar com os conhecimentos necessários ao processo de construção deste trabalho. Agradecemos, também, às mestrandas Clarice Nogueira Lopes e Zenilda Rodrigues Silva pela troca de informações e ajuda nas revisões.

## Referências bibliográficas

- COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- ECO, Humberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- MIRANDA, Fabiana M. *Fandon: um novo sistema literário digital*. Hipertextus, n.3, jun. 2009, pp. 1-21. Disponível em: <<http://www.hipertextus.net/volume3/Fabiana-Moes-MIRANDA.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2016.
- PENNAC, Daniel. *Como um Romance*. Tradução de Leny Werneck. 4. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. Trad. Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. 2. ed. rev. e amp. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.